

## As companheiras e companheiros da Consulta Popular,

Estamos construindo um instrumento político comprometido com a luta pelo socialismo. Isso demanda a busca cotidiana pelo enfrentamento a todas as formas de exploração e opressão, afinal, a igualdade pressupõe liberdade, que deve ser o nosso alimento comum.

Sabemos, contudo, que isso não é fácil. Não basta ser militante identificado com o socialismo para estarmos imunes aos preconceitos e não reproduzirmos opressões.

Entendemos que não podemos culpabilizar individualmente as pessoas pelos seus preconceitos, pois a sociedade em que vivemos naturaliza modelos conservadores de comportamento e relações para homens e mulheres que são por nós internalizados. Um exemplo disso é a heteronormatividade – base estruturante do patriarcado – entendida como a naturalização da heterossexualidade como norma.

Um indicador da presença marcante da heterossexualidade em nossa sociedade é a maioria das pessoas partirem do pressuposto de que todos são e/ou devem ser heterossexuais. Assim, ao nascermos, já é estabelecido que namoraremos com o sexo oposto e somos conduzidos(as) a isso.

A homofobia, ou seja, a aversão aos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais também decorre da heteronormatividade e tem motivado crimes de ódio. No Brasil, país mais homofóbico do mundo, 187 pessoas foram brutalmente assassinadas em 2008. Em 2009, foram 198 e em 2010 os dados ultrapassaram a marca de 250 casos.

Romper com a heteronormatividade não é fácil. É difícil assumirmos que somos gays, lésbicas ou bissexuais. Isso confronta a família, a Igreja, a Escola, o trabalho. Assumir que você é o que instituições de poder estabelecem e esperam que você não seja, é estar sujeito a múltiplas formas de negação e discriminação.

No exercício da política não é diferente. Também é difícil assumirmos para nossos(as) camaradas, quando, muitas vezes, somos alvo de piadas, “brincadeiras” e incompreensões.

É importante que saibamos que em nossa organização, como em qualquer outro espaço da sociedade, existem gays, lésbicas e bissexuais que não se sentem a vontade para participar de um espaço LGBT por medo das reações, estranhamentos e discriminações que podem sofrer. Em nossa organização há casais de mulheres que não são respeitadas como casais, ao serem cantadas frequentemente pelos homens. Há gays que são considerados menos homens e

homens que, independentemente de serem gays ou não, têm dificuldade de demonstrar afetividade entre si. Há gays, lésbicas e bissexuais que ouvem piadas homofóbicas. Há homens e mulheres que já sofreram violência na sociedade motivada pela sua orientação sexual.

Uma organização é construída por pessoas e elas são diferentes. Sem o entendimento e o respeito a essas diferenças não avançaremos como companheiros e companheiras que devem caminhar ombro a ombro. Como um instrumento revolucionário, devemos buscar construir valores e relações libertárias. Por isso, devemos nos preocupar em como educar nossos filhos(as); como fazemos o nosso trabalho de base; como fortalecemos e apoiamos os nossos companheiros e companheiras que, por não serem heterossexuais, sofrem discriminação e estão mais vulneráveis a sofrerem todo o tipo de violência, inclusive, nos nossos atos políticos.

Se é importante que não culpabilizemos individualmente as pessoas pelos seus preconceitos, não é menos importante que não nos rendamos a eles. Por isso, um desafio se põe para os lutadores e lutadoras do povo: precisamos desnaturalizar o que é historicamente determinado como norma e que estabelece dominações, discriminações e violências. Para isso, o primeiro passo é identificar e reconhecer os nossos preconceitos e buscar superá-los.

A dor de muitas vezes termos de silenciar quem somos, a dificuldade de enfrentar pessoas que amamos (como nossos pais) para termos o direito de amar, não é uma questão menor para a defesa da humanidade, para a defesa da sua liberdade. Lutemos pelo enfrentamento a tudo que sufoca, que oprime e que massacra. Assim, entendemos que a luta contra a homofobia é também um compromisso dos lutadores e lutadoras do povo. Um povo que é negro, índio, branco, trabalhador, gay, lésbica, heterossexual, bissexual, travesti e transexual.

Igualdade pressupõe liberdade. Liberdade de ser diferente, de se expressar diferente, de amar sem medo, de SER sem medo. Pátria livre, livre de todos os preconceitos, explorações e opressões!

Salvador, 04 de fevereiro de 2011.

Coletivo (em construção) pela liberdade sexual da Consulta Popular!